

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“O DIA EM QUE A BOSSA NOVA INVENTOU O BRASIL”: UMA VIAGEM HISTÓRICA PELAS CANÇÕES DE TOM ZÉ

DIEGO DE MORAES CAMPOS¹

RESUMO

Propomos aqui uma reflexão a partir de algumas das canções metalinguísticas nas quais Tom Zé apresentou um conjunto de (re)leituras históricas do gênero bossa nova. Essa perspectiva primeiramente foi apresentada na canção *Vaia de bêbado não vale* (parceria de Tom Zé com Vicente Barreto, composta no contexto de comemorações dos 40 anos da bossa nova, lançada em CD como um *single* em 1999 e na sequência inserida no álbum *Imprensa Cantada*, de 2003), narrativa anos depois desdobrada no disco *Estudando a bossa* (2008), em canções como *João nos Tribunais*, marcando meio século desde o lançamento da canção *Chega de Saudade*, por João Gilberto, em 1958. Considerando o trabalho musical de Tom Zé enquanto cancionista como um exemplar singular do que Santuza Cambraia Naves denominou “canção crítica”, podemos pensar o louvor à João Gilberto em suas canções (em sintonia com a defesa da bossa nova pelo tropicalismo musical); a reinvenção do samba (e da bossa nova) por esse considerado “último tropicalista” e o processo do “Tom Zé: cancionista-cômico” (dos anos 1960) à sua apreciação como “professor- intelectual” (a partir dos anos 1990). Se a bossa nova “inventou o Brasil”, Tom Zé reinventou essa invenção.

PALAVRAS-CHAVE: CANÇÃO CRÍTICA, BOSSA-NOVA, TOM ZÉ

“Quando Antônio Carlos Jobim é apresentado a alguém, ele diz:
– Muito prazer, Antônio Carlos Jocaí. Mas pode me chamar de Tom Zé.”
(Sérgio Cabral²)

Considerando a narrativa histórica como um dos elementos da canção de Tom Zé³ – juntamente com aspectos como a intertextualidade, a hipérbole, a ironia cômica e

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor efetivo da SEDUC-GO. E-mail: profdiegodemoraes@gmail.com.

² CABRAL, Sérgio. ABC de Sérgio Cabral. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 365, 25 jun. 1976, p. 35.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a polifonia⁴ (ao incorporar várias vozes líricas) – podemos tratar sua produção musical como um exemplar expressivo da ideia de “canção crítica”, tal como formulada por Santuza Cambraia Naves (2015). Segundo Naves, com a canção crítica, a partir dos anos 1960, o compositor brasileiro criou uma identidade de “intelectual”, num sentido amplo do termo – na medida em que a canção transformou-se “no veículo por excelência do debate intelectual, tanto com relação a questões textuais quanto a problemas contextuais” (NAVES, 2015, p. 42).

Contudo, ressalte-se que nem sempre os compositores foram valorizados como “intelectuais” no campo cultural no Brasil – como pode-se perceber pelo processo do “Tom Zé: cancionista-cômico” (dos anos 1960) à sua apreciação como “professor-intelectual” (a partir dos anos 1990, após um difícil período de “ostracismo”, rompido com a repercussão internacional de sua obra nos Estados Unidos, ao ser lá lançada pela gravadora *Luaka Bop*, de David Byrne). Da produção “intelectual” do cancionista Tom Zé podemos sublinhar algumas de suas canções metalinguísticas⁵ que formam um conjunto de (re)leituras históricas do gênero bossa nova, entre 1999 e 2008 (ano em que lançou um disco dedicado ao estilo).

O interesse de Tom Zé pela bossa nova já tinha aparecido em sua juventude, quando participou do show bossa novista *Nós, por exemplo* no Teatro Vila Velha em 1964 (ainda assinando “Antônio José”) – e também na regravação de *A felicidade* (parceria do poeta Vinícius de Moraes com o maestro Antônio Carlos Jobim) no (hoje) aclamado disco *Estudando o Samba* (1976). Tal perspectiva aberta à bossa nova sintoniza-se à defesa da modernização da música brasileira (tomando João Gilberto como uma referência inspiradora) pelos tropicalistas – como apareceu na ideia de uma

³ A reflexão aqui apresentada desdobra aspectos tratados em minha tese de doutorado sobre a obra e a trajetória de Tom Zé, defendida em 2020, em *História Social*, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – intitulada: “‘O riso e a faca’: a canção crítica de Tom Zé, do CPC da UNE à (re)invenção do multiverso ‘Tropicália’”.

⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 47.

⁵ “A função metalinguística, em síntese, centraliza-se no código: é código ‘falando sobre o código. Fazemos um trabalho substitutivo, uma operação tradutora: é linguagem ‘falando’ de linguagem, é música ‘dizendo’ sobre música, é literatura sobre literatura, é palavra da palavra, é teatro ‘fazendo’ teatro” (CHALHUB, 2005, p. 32).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“linha evolutiva” da música popular brasileira (proposta divulgada por Caetano Veloso num famoso – e controverso – debate na *Revista Civilização Brasileira*, número 2, em maio de 1966, num período anterior à “Tropicália”):

Só a retomada da *linha evolutiva* pode nos dar uma organicidade para selecionar e éter um julgamento de criação. Dizer que samba só se faz com frigideira, tamborim e um violão sem sétimas e nonas não resolve o problema. Paulinho da Viola me falou há alguns dias da sua necessidade de incluir contrabaixo e bateria em seus discos. Tenho certeza que, se puder levar essa necessidade ao fato, ele terá contrabaixo e terá samba, assim como João Gilberto tem contrabaixo, violino, trompa, sétimas, novas e tem samba. Aliás **João Gilberto para mim é exatamente o momento em que isto aconteceu: a informação da modernidade musical utilizada na recriação, na renovação, no dar *um passo à frente* da música popular brasileira. Creio mesmo que a retomada da tradição da música brasileira deverá ser feita na medida em que João Gilberto fez.** Apesar de artistas como Edu Lobo, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Betânia, Maria da Graça (que pouca gente conhece) sugerirem esta retomada, em nenhum deles ela chega a ser inteira”⁶.

É conhecida a defesa que Augusto de Campos fez dessa perspectiva a respeito da retomada de uma “linha evolutiva da música popular brasileira” – em artigos na imprensa, depois reunidos no livro *Balanço da Bossa*, que traria na capa de sua primeira edição, em 1968, uma imagem associando Caetano Veloso à uma “evolução” indicada por João Gilberto. Não por acaso, este livro foi citado entre as referências bibliográficas no encarte do CD/*single* de *Vaia de bêbado não vale* (1999).

“Vaia de bêbado não vale”: O louvor à João Gilberto nas canções de Tom Zé

A primeira época da bossa nova, na virada da década de 1950 para a de 1960, foi um momento que marcou a geração do jovem Tom Zé. Depois, já mais velho (entre 1999 e 2008), o mesmo viria a defender (em entrevistas e em obras musicais metalinguísticas) a importância artística e histórica da bossa nova. Um exemplo desta

⁶ VELOSO, Caetano. In: Que caminho seguir na música popular brasileira? **Revista Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966, p. 378.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

defesa⁷ veio na faixa *Vaia de bêbado não vale* (parceria com Vicente Barreto, lançada num CD/*single* em 1999 e depois incluída no álbum *Imprensa Cantada*, em 2003⁸). Inspirada num episódio de quando Tom Zé foi convidado por Caetano Veloso para assistir a um show (no dia 29/09/1999) de João Gilberto, no *Credicard Hall*, em São Paulo⁹. A canção foi logo depois lançada numa conjuntura de comemorações dos quarenta anos da bossa nova, quando um jornalista chegou a dizer que Tom Zé “nunca se apresentou como bossa-novista”¹⁰. Essa interpretação pode ser questionada, considerando-se sua participação no mencionado show de bossa nova *Nós, por exemplo* no Teatro Vila Velha em 1964 (ainda em Salvador)¹¹. Em *Vaia de bêbado não vale*, Tom Zé apresentava, em forma de canção satírica, uma ideia de Brasil (no mundo) como “invenção” da bossa nova – com sua repercussão em escala internacional.

Vale destacar que o título *Vaia de bêbado não vale* (1999) foi acrescentado à canção *No dia que a bossa nova pariu o Brasil*, que Tom Zé já tinha feito desde o início dos anos 1990 (em 1992), conforme o encarte do *single*, lançado pela gravadora Trama, fundada por João Marcelo Bôscoli no ano anterior (1998). O título da canção *Vaia de bêbado não vale*, Tom Zé, feito um cronista de jornal, fisionomia de uma fala de João Gilberto no mencionado show no *Credicard Hall*. “Vaia de bebo”, inclusive, também veio a intitular uma das biografias de Tom Zé, lançada por Helen Lopes (2019)¹².

⁷ Defesa estética que exemplificou um exemplo do “cultivo da bossa nova pelos músicos baianos” (NAVES, 2015, p. 84).

⁸ ZÉ, Tom. **Imprensa Cantada**. São Paulo: Trama Virtual, 2003. 1 CD.

⁹ A frase “Vaia de bêbado não vale” tinha sido dita por João Gilberto durante o show conforme encarte do CD *Imprensa Cantada* (ZÉ, 2003).

¹⁰ “Desde antes do tropicalismo, fazia canções que não se enquadravam em nenhum dos modelos predominantes na época – caso de ‘Maria do Colégio da Bahia’ e ‘São Benedito’, ambas de 1965¹⁰. Surpreende, portanto, que agora decida lançar um manifesto pró-bossa nova (manifesto, aliás, é palavra que Tom Zé evita; não a usa nem no encarte nem na canção do *single*)” (ANTENORE, Armando. Tom Zé mastiga vaia contra João Gilberto e cospe música. **Folha de São Paulo**, 20 out. 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2010199906.htm>> Acesso em: 20 jul. 2020).

¹¹ Embora Tom Zé em alguns depoimentos tenha negado a bossa nova como uma tendência em seu trabalho. Numa entrevista em 2003, ao comentar o livro *Verdade Tropical* de Caetano Veloso diz que achou uma pena ele não ter destacado seu “trabalho naquela época com formas estranhas – eu não fazia bossa nova – tinha influenciado no começo do tropicalismo e seu afastamento da bossa”. Entrevista de Tom Zé, in: (WEINSCHLBAUM, 2006, p. 116).

¹² LOPES, Helen. **Vaia de bebo não vale**. São Luís: Passagens, 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tom Zé localiza em sua leitura o surgimento da bossa nova em fins dos anos 1950, com o lançamento de *Chega de Saudade* – canção escrita por Vinicius de Moraes (letra) e por Antônio Carlos Jobim (música), no final dos anos 1950 e gravada por diversos artistas. Esta canção tornou-se um dos símbolos da bossa nova, sendo que a sua gravação por João Gilberto em 1958, pela gravadora EMI-Odeon, é considerada um marco inicial deste gênero musical.



Encarte do *single* lançado em CD *Vaia de Bêbado não vale*, de Tom Zé (1999)

No encarte do *single* lançado pela gravadora *Trama*, em 1999 (simulando um “jornal a serviço da música” – anunciando a estética que logo depois seria adotada no álbum *Imprensa Cantada*, de 2003), Tom Zé aparece como “Editor Chefe” e sua esposa (Neusa S. Martins) era citada como “Diretora de redação”. Além da letra da canção o encarte do *single* trazia um editorial contextualizando o trabalho e citando três referências bibliográficas: os livros *Chega de saudade: A história e as histórias da bossa nova* (de Ruy Castro)¹³, o volume 2 (sobre o contexto musical brasileiro entre 1958 e 1985) de *A Canção no Tempo* (de Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello)¹⁴ e, por fim, o referido *O Balanço da Bossa* (de Augusto de Campos)¹⁵. Rememorando

¹³ CASTRO, Ruy. **Chega de saudade: A história e as histórias da Bossa Nova**. 3ª ed. Atualizada. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁴ SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. **A Canção no Tempo: 85 anos de músicas brasileiras** (vol. 2: 1958-1985). São Paulo: Ed. 34, 1998.

¹⁵ CAMPOS, Augusto de. **Balanço da bossa: Antologia crítica da moderna música popular brasileira**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

poeticamente essa história a letra da canção *Vaia de bêbado não vale* foi dividida em três atos (cantados como se fossem “edições” de jornais impressos), como se vê:

– Primeira edição

[Refrão] no dia em que a bossa nova inventou o Brasil
no dia em que a bossa nova pariu o Brasil

teve que fazer direito/ teve que fazer Brasil [2 x]

criando a bossa nova em 58
o Brasil foi protagonista
de coisa que jamais aconteceu
pra toda a humanidade

seja na moderna história
seja na história da antiguidade
e por isso, meu nego,

vaia de bebo não vale/ de bebo vaia não vale

– Segunda edição

[Refrão]

quando aquele ano começou, nas “águas de março” de 58,
o Brasil só exportava matéria-prima, essa tisana
isto é o grau mais baixo da capacidade humana
e o mundo dizia:

“que povinho retardado/ que povo mais atrasado”

Terceira edição

[Refrão]

a surpresa foi que no fim daquele mesmo ano,
para toda a parte,

o Brasil d'*O Pato*
com a bossa nova, exportava arte,
o grau mais alto da capacidade humana

E a Europa, assombrada:
"que povinho audacioso/ "que povo civilizado"

Pato ziguePato ziguePato Pato/ Pato ziguePato/ ziguepatO Pato

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tratou com desacato o nosso amado *Pato*/ Desacato nosso *Pato*
*Viva a vaia, seu Augusto/ Viva a vaia, seu João/ Viva a vaia, viva a vaia*¹⁶

Entre suas várias citações¹⁷, a canção *Vaia de bêbado não vale* mencionava a repercussão internacional da bossa nova. Um exemplo dessa difusão se deu em 1964 com o sucesso do disco *Getz / Gilberto*, que levou a canção *Garota de Ipanema*¹⁸ ao topo da lista da *Bilboard* norte-americana. Ao cantar o “zigue*Pato*”, Tom Zé se refere à conhecida canção *O Pato* (de Jayme Silva e Neuza Teixeira), gravada por João Gilberto no disco *O Amor, o Sorriso e a Flor* (1960), revelando uma dimensão cômica e lúdica da bossa nova, que certamente contribuiu para que ela tenha sido percebida como uma poética “solar”¹⁹. Tal ludicidade cômica²⁰ ressoava nos aspectos aparentemente infantis em outras canções como *Lobo Bobo*, *Bolinha de Papel*, *Trem de Ferro (Trenzinho)* e *O Barquinho*²¹, bem como pelo uso de diminutivos (“beijinhos”, “peixinhos”, “cantinho”, etc.), com um charme pueril. Uma geração de jovens, entre o amor... e o humor.

¹⁶ ZÉ, Tom, BARRETO, Vicente [compositores]. *Vaia de bêbado não vale*. In: ZÉ, Tom. **Imprensa Cantada**. São Paulo: Trama Virtual, 2003. 1 CD, faixa 9.

¹⁷ Entre as citações na canção *Vaia de bêbado não vale*, observe-se a expressão “Viva vaia”, em referência à um poema de Augusto de Campos (de 1972), em homenagem à vaia histórica que Caetano Veloso recebeu no 3º Festival Internacional da Canção (FIC), em 1968, durante a execução da canção “É proibido proibir”, com Os Mutantes. Com a citação à esse poema no fim da canção, Tom Zé parece sugerir a relação entre a bossa nova (de 1958) e a eclosão do tropicalismo musical (em 1968), narrativa difundida por Augusto de Campos, a partir do debate sobre a “linha evolutiva da música popular brasileira”, por Caetano Veloso (que abordaremos no próximo capítulo).

¹⁸ Essa canção aparece com o título “*The Girl From Ipanema*”, no disco *Getz / Gilberto* (1964), álbum de jazz e bossa nova lançado por João Gilberto juntamente com o saxofonista estadunidense Stan Getz (1927-1991). Comentando o impacto desse encontro, segundo Nelson Motta “o jazz americano nunca mais seria o mesmo depois da bossa nova” (MOTTA, 2000, p. 77).

¹⁹ Embora também existissem canções melancólicas na bossa nova, o que predominava no próprio estilo musical era a atmosfera de leveza. “A estética da bossa nova, com seu aspecto solar, harmonizava-se com o otimismo que marcou o governo Juscelino Kubitschek e sua utopia desenvolvimentista representada pela construção de Brasília, a ‘capital do futuro’. A arquitetura de Oscar Niemeyer era informada pela mesma concepção construtivista que orientava o mundo da indústria e da comunicação de massa. Num primeiro momento, as vanguardas construtivistas assumiam o mundo contemporâneo, já que acreditavam que o modelo de sociedade industrial tinha se tornado hegemônico e seguia sua marcha inexorável, principalmente a partir da I Guerra Mundial. Por outro lado, partiam do pressuposto de que tal modelo não se encontrava concluído; pelo contrário, o que se delineava era um mundo – singular, projetado e almejado – em construção” (NAVES, 2001, p. 30).

²⁰ Aqui trabalho com as noções de humor e de cômico como ideias convergentes e complementares, embora saiba que autores, como Pirandello por exemplo, diferenciaram o cômico do humorístico (SALIBA, 2002, p. 24).

²¹ TATIT, Luiz. **O Cancionista**: Composição de Canções no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 163.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em 2008, num outro gesto de memória sobre a década de 1950 e já em um contexto de celebrações de meio século de bossa nova²², Tom Zé voltaria à reflexão histórica/lúdica em suas canções metalinguísticas, dessa vez dedicando um disco inteiro ao estilo: *Estudando a Bossa* (2008)²³. Um biógrafo de Tom Zé, o jornalista Pietro Scaramuzzo (2020), situou este disco como fim de uma trilogia de álbuns:

Estudando a bossa encerra a trilogia iniciada em 1975 com *Estudando o samba* e continuada em 2005 com *Estudando o pagode*. Em relação aos precedentes, este é o disco com menor conteúdo experimental. Seria o primeiro da carreira do artista a ser oferecido em *download* gratuito, acompanhando as iniciativas de muitos outros artistas internacionais²⁴.

Neste álbum, uma das faixas que dialogou com a narrativa de *Vaia de bêbado não vale* foi a emblemática *João nos Tribunais*²⁵, retomando a mitificação à João Gilberto e, novamente, apresentando a consagração no *Carnegie Hall* como um marco para se celebrar a bossa nova como um patrimônio nacional:

Se João Gilberto tivesse um processo aberto
e fosse nos tribunais cobrar direitos autorais
por todo o samba-canção que com a sua gravação
passou a ser bossa nova
qualquer juiz de toga, de martelo ou de pistola

²² Como o DVD de Caetano Veloso e Roberto Carlos cantando canções de Tom Jobim (2008).

²³ *Estudando a bossa* foi um CD que Tom Zé lançou em 2008, pela gravadora *Biscoito Fino*, na conjuntura das comemorações dos 50 anos da bossa nova. Aqui só menciono a canção *João nos tribunais* por se relacionar com a reflexão que apresento sobre a bossa nova nesse tópico e por ser bem representativa sobre a narrativa musical-metalinguística de Tom Zé sobre a música brasileira. Pretendo em outra oportunidade aprofundar uma análise sobre esse CD que é muito rico em intertextualidades textuais e sonoras – no próprio encarte veio textos contextualizando a obra e indicando o que (seja artigo, palestra ou comentário de algum intelectual) inspirou cada uma das 14 faixas. Essas releituras musicais da bossa nova, “no qual compôs com um tom, ao mesmo tempo, comemorativo e crítico” (NERY, 2009, p. 2), descavam-se sua atmosfera feminina. Na versão de Tom Zé (cancionista/intelectual) o som encontrou a feminilidade, ao destacar na sonoridade da bossa nova a dimensão do “feminino”: “o termo vem da própria teoria musical, que chama as finalizações no tempo fraco de ‘terminação feminina’”. Destaca Tom Zé no encarte do CD *Estudando a bossa* (2008).

²⁴ SCARAMUZZO, Pietro. **Tom Zé, o último tropicalista**. Tradução: Silvana Cobeci e Thiago Lins. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020, p. 286.

²⁵ ZÉ, Tom [compositor]. João nos tribunais. In: ZÉ, Tom. **Estudando a bossa**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2008. 1 CD, faixa 3.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sem um minuto de pausa, lhe dava ganho de causa

"Chega de saudade", veja o caso deste samba,
gravado em 58, por Elizeth Cardoso²⁶
"Pela pátina crestado", Vinicius ficou gamado
O biscoito da Cardoso – Foi divino, foi gostoso
Mas era um samba-canção lindo
e nunca passou disso não

Mas quatro meses depois
João gravou com a levada
A voz no jogo sincopado, o violão todo abusado
O coitado foi chamado de cantor desafinado
Sem ritmo, ventríloquo

Mas **diante do desafinado**
o mundo curva-se, desova
e tudo até então louvado
foi jogado numa cova
o sol chocou 200 ovas
e nasceu a bossa nova (...)

Carnegie Hall foi importante
porque pinçou João, separou João
como a grande gema, a grande joia²⁷

Estas duas canções metanarrativas²⁸ citadas – *Vaia de bêbado não vale* (1999) e *João nos Tribunais* (2008) – são exemplos de como Tom Zé apresentou interpretações lúdicas do passado musical brasileiro. Temos aí índices de como as canções podem ser tomadas como registros artísticos e também históricos, por serem “representações reveladoras da época em que foram produzidas”²⁹ e por também poderem sugerir gestos de memória, desencadeando uma série de debates críticos.

²⁶ Aqui Tom Zé se refere ao disco *Canção do Amor Demais* de Elizeth Cardoso (1958), que tinha lançado uma gravação de da canção “Chega de saudade” (SEVERIANO, DE MELLO, 1998, p. 22), mas com uma entonação ainda derramada do “samba-canção”.

²⁷ ZÉ, Tom [compositor]. João nos tribunais. In: ZÉ, Tom. **Estudando a bossa**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2008. 1 CD, faixa 3.

²⁸ Essas suas canções meta-narrativas preparariam terreno para o lançamento de seus discos metalinguísticos com teses, que chegarão no desenvolvimento do projeto *Tropicália Lixo Lógico* (2012).

²⁹ ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. História e Música: uma proposta teórico-metodológica para análise da música regionalista. In: LEMES, Cláudia Graziela Ferreira; MENEZES, Marcos Antônio de; NASCIMENTO, Renata Cristina Souza (org.). **Historiar**: interpretar objetos da cultura. Uberlândia: Edufu, 2009, p. 11-12.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Capa do CD *Estudando a bossa*, de Tom Zé (2008)

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. História e Música: uma proposta teórico-metodológica para análise da música regionalista. In: LEMES, Cláudia Graziela Ferreira; MENEZES, Marcos Antônio de; NASCIMENTO, Renata Cristina Souza (org.). **Historiar**: interpretar objetos da cultura. Uberlândia: Edufu, 2009.

ANTENORE, Armando. Tom Zé mastiga vaia contra João Gilberto e cospe música. **Folha de São Paulo**, 20 out. 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2010199906.htm>> Acesso em: 20 jul. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

CABRAL, Sérgio. ABC de Sérgio Cabral. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 365, 25 jun. 1976, p. 35.

CAMPOS, Augusto de. **Balço da bossa**: Antologia crítica da moderna música popular brasileira. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade**: A história e as histórias da Bossa Nova. 3ª ed. Atualizada. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 2005.

LOPES, Helen. **Vaia de bebo não vale**. São Luís: Passagens, 2019.

NAVES, Santuza Cambraia. **A canção brasileira**: leituras do Brasil através da música. Organização: Frederico Coelho... [et al.]. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ROCHA, Lygia Maria Silva. “Todo compositor brasileiro é um complexado”: Anonimato e fama de Tom Zé na mídia impressa especializada. **Anais do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Blumenau, 2009.

SCARAMUZZO, Pietro. **Tom Zé, o último tropicalista**. Tradução: Silvana Cobcci e Thiago Lins. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. **A Canção no Tempo**: 85 anos de músicas brasileiras (vol. 2: 1958-1985). São Paulo: Ed. 34, 1998.

TATIT, Luiz. **O Cancionista**: Composição de Canções no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

VELOSO, Caetano. In: Que caminho seguir na música popular brasileira? **Revista Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

ZÉ, Tom, BARRETO, Vicente [compositores]. Vaia de bêbado não vale. In: ZÉ, Tom. **Imprensa Cantada**. São Paulo: Trama Virtual, 2003. 1 CD, faixa 9.

ZÉ, Tom [compositor]. João nos tribunais. In: ZÉ, Tom. **Estudando a bossa**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2008. 1 CD, faixa 3.